

EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO DA GRADUAÇÃO DE NÍVEL TÉCNICO PERANTE A LÓGICA DE MERCADO CAPITALISTA

Bruno Alysson Soares Rodrigues¹
Universidade Estadual do Ceará
Daina Gomes Aguiar²
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO: Diante da profunda crise estrutural do capital, exposta por Mészáros (2000), observamos o sucateamento da educação brasileira perante os mecanismos de auto-reprodução criados por contradições da lógica do capital (TONET, 2003). Destarte, no seio de tal lógica encontra-se o Ensino Técnico Profissionalizante que, não obstante as contradições da crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2000), é utilizado como forma de adestramento para o mercado de trabalho seguindo os ditames da lógica de mercado capitalista e difundindo, para o proletariado, uma ideologia pautada no aprender a aprender, estudada por (DUARTE, 2000), que culmina na escravização no trabalhador diante da concepção de constante atualização e qualificação de sua força de trabalho no sentido de se enquadrar no mercado competitivo e desleal que a própria crise estrutural criou. Neste sentido, o presente trabalho pauta-se em tecer considerações sobre as Políticas Neoliberais do Estado brasileiro e seus impactos sobre a educação e o trabalho, especificamente o Ensino Técnico Profissionalizante, perante a lógica de mercado da crise estrutural do capital.

Palavras-chaves: Educação; Trabalho; Crise Estrutural.

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE) Campus do Itaperi. Endereço para contato: bruno.alysson@aluno.uece.br

² Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE) Campus do Itaperi. Endereço para contato: daianagomes14@gmail.com

1. Introdução: O que realmente nos propusemos a estudar ?

Vivemos hoje o momento de maior conflito e crise estrutural nunca antes visto e documentado bibliograficamente em toda história da humanidade³. Se torna impossível não observar, na sociedade a qual estamos inseridos, características cada vez mais expressivas da aguda crise mencionada por Mészáros (2000), como crise estrutural do capital, que continua a submergir em toda a esfera social. Tal crise tem como característica primária as contradições trazidas na raiz do sistema vigente, tal como afirma Tonet (2003).

Destarte, embora o sistema do capital nos forneça a cada minuto razões irretorquíveis para desejarmos a sua total superação no sentido de nos organizarmos para uma real luta de classes neste momento de contra-revolução – e muito embora tenhamos consciência de que o sistema capitalista não sobreviva um minuto sequer sem o consentimento do Estado –, decidimos, neste breve trabalho, revisar uma das diversas características – e porque não contradições – inerentes ao sistema capitalista no que diz respeito à relação que a Educação e o Trabalho, especificamente o Ensino Técnico Profissionalizante, mantém com reprodução de sua lógica de mercado.

Na esteira de nossas observações, nos propusemos, também, a tecer considerações sobre as Políticas Neoliberais do Estado brasileiro que atualmente fornecem, sob o olhar desatento das massas, subsídios suficientes ao setor privado para tornar o Ensino Técnico Profissionalizante no mais novo instrumento da ideologia dominante – e porque não do Estado – para ampliar o controle estatal sobre as classes subalternas mediante o falacioso discurso da empregabilidade, culminando, com grande probabilidade no total adestramento do proletário à lógica do capital através desta ideologia burguesa.

Costa & Jimenez (2008, p. 172 grifo nosso) assim se posicionam sobre a ideologia burguesa, pois esta:

[...] que é falsa e reacionária, é composta de múltiplas posturas e infinitas combinações, muitas vezes contraditórias e concorrentes, porém **todas confinadas na defesa aberta ou velada do mercado, do capital, do Estado e do individualismo burguês**, mesmo quando condenam veemente as consequências negativas cada vez mais evidentes da exploração capitalista.

Não obstante a total submissão à lógica do mercado capitalista e, portanto, aos ditames das políticas neoliberais, o Ensino Técnico Profissionalizante enfatiza, ainda, o que chamaremos aqui de adestramento para a reposição de mão-de-obra mediante a ideologia da constante e incessante qualificação profissional para o mercado de trabalho, tornando desta forma, o proletário em um

³ Entendemos, pois, que a humanidade é produzida através do conjunto dos homens que tem o trabalho como forma de realizar o intercâmbio orgânico com a natureza para produzir seus meios de subsistência e assim produzir também a sua cultura. Com efeito, Leontiev (1978), afirma que “quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua tarefa”.

escravo à mercê da lógica de mercado que dita as regras partindo da promessa de que haverá emprego para todos os qualificados no mercado, afinal de contas, basta “*melhorar o currículo*” e “*garantir o seu lugar ao sol*”.

1.1 Herança cultural, ensino técnico profissionalizante e a concepção de constante qualificação profissional: Há, de fato, uma relação mantida com a lógica capitalista e sua crise estrutural ?

Marx e Engels (1996); Leontiev (1978), afirmavam que, tendo como pressuposto o homem como ser social, uma dada geração de seres humanos vivendo em sociedade sempre terá como início de sua existência as condições sociais e históricas dadas, herdadas, ou construídas ao longo do tempo pela geração que a antecedeu, pois, sendo o homem, dono de seu próprio destino na escala social e demiurgo de sua própria história, entendemos que este, cria sua cultura e concomitantemente transforma sua realidade através do trabalho.

Destarte, percebemos que tais condições de existência dialogam com o sentido teleológico da educação e do trabalho no mundo atual, que vive sobre a falsa égide da lógica do capital, pois o contexto trabalhista e educacional carrega relações de determinação histórica de cada classe social em uma sociedade que sofre com a crise estrutural do capital.

Segundo Konder (2000); Frigotto (2005) apud Souza (2007, p. 02 grifo nosso), a sociedade:

[...] vive porque consome; e para consumir depende da produção. **Toda sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte e lhe transmite algo da sua experiência, educa-a.** Não há sociedade sem trabalho e sem educação.

Conforme Leontiev (1978), o homem é um ser de natureza social e tudo o que tem de humano é provido de sua vida em sociedade e de sua produção de cultura. Saviani (2011, p. 11), nos mostra que “para sobreviver, o homem necessita extrair da natureza, ativa e intencionalmente, os meios de sua subsistência. Ao fazer isso, ele inicia o processo de transformação da natureza, criando um mundo humano (o mundo da cultura)”.

Desta forma, o homem apropria-se do patrimônio cultural material e não material por ele produzido ao longo de sua historicidade, permitindo ao mesmo subsídeos que o distanciasse de sua animalidade, pautada na atividade primária, isto é, o trabalho, a categoria que fundante do ser social, possibilitando objetivações que o transformaram em um novo homem. (LUKÁCS, 1978; LEONTIEV, 1978; SAVIANI, 2011; LESSA, 1996; 2001)

No âmbito da herança cultural educacional do Brasil percebemos que está é permeada por valores dicotômicos que oscilam entre o campo teórico e o campo prático, nunca permanecendo na verdadeira *práxis*. Explicando em outras palavras, desde os tempos de colonização que a educação

no Brasil sofre com a elitização do saber, a falta de objetividade nos processos educacionais e a incongruência entre as reformas educacionais e as políticas de fomento à educação. Sendo assim, tais características nos conduzem à uma herança cultural que criou a divisão da escola tal como ocorrera em outras nações.

Conforme Gramsci (1982, p. 118), “a divisão fundamental da escola em clássica e profissional era um esquema racional: a escola profissional destinava-se às classes instrumentais, ao passo que a clássica destinava-se às classes dominantes e aos intelectuais. [...]”. Ainda em Gramsci (1982, p. 137, grifo nosso):

A multiplicação de tipos de escola profissional, portanto, tende a eternizar as diferenças tradicionais; mas, dado que ela tende, nestas diferenças, a criar estratificações internas, faz nascer a impressão de possuir uma tendência democrática. Por exemplo: operário manual e qualificado, camponês e agrimensor ou pequeno agrônomo, etc. Mas a tendência democrática, intrinsecamente, não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada “cidadão” possa se tornar “governante” e que a sociedade o coloque, ainda que “abstratamente”, nas condições gerais de poder fazê-lo: **a democracia política tende a fazer coincidir governantes e governados (no sentido de governo com o consentimento dos governados), assegurando a cada governado a aprendizagem gratuita das capacidades e da preparação técnica geral necessárias ao fim de governar.** Mas o tipo de escola que se desenvolve como escola para o povo não tende mais nem sequer a conservar a ilusão, já que ela cada vez mais se organiza de modo a restringir a base da camada governante tecnicamente preparada, num ambiente social político que restringe ainda mais a “iniciativa privada”: no sentido de fornecer esta capacidade e preparação técnico-política, de modo que, na realidade, retorna-se às divisões em ordens “juridicamente” fixadas e cristalizadas, cada vez mais especializadas desde o início da carreira escolar, é uma das mais evidentes manifestações desta tendência.

A grande distância entre o discurso e a prática nos tornam reféns de uma lógica capitalista que permeia o cenário atual do Estado brasileiro, pois as políticas neoliberais que pairam sobre nosso contexto educacional nos paralizam intelectualmente diante do resurgimento do ensino técnico profissionalizante no Brasil, ensino este que segue os ditames da lógica capitalista e nos cega diante de sua crise estrutural.

Para Almeida (2005, p. 56) apud Souza (2007, p. 05 grifo nosso):

O indivíduo necessita continuamente adquirir os atributos necessários para concorrer a um lugar no mercado. **Nesse contexto, o fato de o indivíduo não conseguir emprego não é atribuída à falta de oportunidades mas porque ele não preenche aos requisitos necessários para isso, cabendo à ele, portanto, suprir de forma contínua esses itens para que ele possa ser “empregável”.**

Desta forma, a lógica do capital difunde um ideologia escravista, que aliena o trabalhador na busca incessante pela qualificação profissional através do falso discurso de que o mercado de trabalho seleciona os mais bem preparados e com os melhores currículos e melhores habilidades e capacidades técnicas, tal ideologia escravista acaba se tornando uma característica quase que universal da massa proletária.

Segundo Marx e Engels (2002) apud Santos (2005, p. 33), “a ideologia de um povo é a ideologia da classe dominante”. Tonet (2008, p. 92-93 grifo nosso), assim se pronuncia sobre educação dentro de uma dada sociedade de classes:

[...] a educação é um poderoso instrumento para a formação dos indivíduos. Mas, como já vimos, nas sociedades de classes ela é organizada de modo a servir à reprodução dos interesses das classes dominantes. **Na sociedade capitalista isto é ainda mais forte e insidioso porque as aparências indicam que uma formação de boa qualidade é acessível a todos, enquanto a essência evidencia que tanto o acesso universal quanto a qualidade não passam de uma falácia.**

A noção de formação continuada, qualificação profissional constante, empregabilidade e a busca de outras competências⁴ criam a ideia de escolarização constante do trabalhador e exerce uma função política deveras forte nas relações sociais dentro de uma dada sociedade de classes, isto é, reforça, ainda, a manutenção do projeto de política neoliberal de adesão das classes subalternas à concepção classista da burguesia facilitando, desta forma, o controle da mão-de-obra em função da constante manutenção da tão sonhada empregabilidade, estabilidade, do proletário em detrimento das lutas coletivas. (SOUZA, 2007)

Desta forma, encontra-se o capital em uma contradição criada por suas próprias crises estruturais (TONET 2003; MÉSZÁROS, 2000), ora no que diz respeito ao seu poder de auto-reprodução ora no que diz respeito às diversas “medidas paliativas” para tais contradições – sendo, uma dessas medidas, a ampliação do ensino técnico profissionalizante com o objetivo de aumentar a mão-de-obra disponível no mercado através de uma educação, ainda diante do olhar desatento do proletário, limitada e não emancipatória⁵, produzindo, desta forma, a concepção de que para o pessoal qualificado não faltará emprego. Tal concepção apenas reforça o poder de reprodução capitalista no âmbito do crescimento do subemprego.

Concordamos com Mézáros (2002, p. 527-528) apud Marinho (2009, p. 70 grifo nosso), quando assim se pronuncia:

Contemporaneamente, a produção destrutiva do capital demonstra que seu poder produtivo contém um poder emancipatório humano somente em potencial, pois o que predomina são suas necessidades de auto-reprodução. A tecnologia capitalista visa unicamente à reprodução ampliada do capital, independente de seu custo social, “o assustador crescimento exponencial da destrutividade representa a necessidade mais íntima da ‘produtividade’ do capital nos dias atuais”. (MÉSZÁROS, 2002, p. 527) [...] A produtividade destrutiva do capital por intermédio da tecnologia capitalista é uma ameaça à sobrevivência da humanidade.

⁴ Tais ideias são criadas pela própria crise estrutural em que se encontra o capital e portanto necessárias para a sua auto-reprodução que segue uma ideologia formada por pedagogias hegemônicas perspectivadas no lema aprender a aprender e que coadunam com o pensamento pós-moderno, corroborando com os ditames do capital em crise estrutural. Dentro das habilidades necessárias para se enquadrar na lógica de mercado capitalista podemos citar a fluência em mais de dois idiomas e o currículo preenchido com diversos cursos técnicos e específicos de sua área de atuação.

⁵ Neste sentido, entendemos como caráter emancipatório uma educação que esteja na direção de romper com a lógica do capital conforme explica Tonet (2003).

2. O ensino técnico no Brasil e sua função submissa ao “ritmo do mercado”: educação técnica profissionalizante ou adestramento para o sistema de produção capitalista ?

“[...] o conhecimento é uma condição do processo de emancipação social, tê-lo se torna uma exigência da luta dos trabalhadores pela conquista do poder político.” (LESSA, 2007, p. 8)

A Política Neoliberal de regulamentação da Formação Técnica e Profissional do Governo Federal brasileiro influenciou, influencia e continuará a influenciar em uma ampla teleologia escravista o contexto educacional no que diz respeito às articulações e parcerias entre setor público e setor privado, seja no âmbito do ensino técnico profissionalizante, da graduação ou da pós-graduação, isto é, o Estado se torna refém do setor privado.

Com efeito, o grande problema da Estratégia Federal Neoliberal está pautado na articulação da parceria entre o setor público e o setor privado, conduzindo, desta forma, o cenário do ensino brasileiro ao que chamamos, aqui, neste breve trabalho, de Ensino Mercantil, ou comumente chamado pelos autores que estudam a Estética Marxista de Mercantilização do Ensino.

Jimenez (2010b, p. 15-16 grifo nosso) assim se posiciona sobre a educação no âmbito da mercantilização do ensino:

*[...] o problema da mercantilização do ensino em suas premissas, implicações e expressões fundamentais atrela-se às necessidades reprodutivas do capital, particularmente, no quadro da crise estrutural do sistema, a qual, conforme Mészáros (1995), assume proporções inéditas na história, em termos de profundidade e abrangência, evidenciada, acima de tudo, pela queda da taxa de lucros. **Para fazer frente a esta situação de crise, vigente há aproximadamente quatro décadas, o sistema vem impondo um formidável processo de reestruturação, com vistas à recuperação da lucratividade e, no limite, para continuar reproduzindo-se, permitindo a acumulação privada, que é seu fim último.***

Para Lucena (2004) apud Barbosa (2009), as regras de mercado orientam a educação, sendo assim, são formados seres capitalistas, seres que atuam em sociedade de acordo com os ideais pré-estabelecidos pela lógica capitalista. Conforme Lima et al (2011, p. 01):

*Em julho de 2004 o governo Lula baixou um decreto (Decreto 5154/2004) que revogava o decreto 2208/97, rearticulando o ensino médio com o ensino técnico de nível médio, porém, mesmo trazendo de volta a rearticulação e a equivalência, o novo decreto manteve alguns aspectos do decreto anterior, principalmente os aspectos que favoreciam a expansão da formação profissional por meio de entidades privadas. Apesar de ter por objetivo a regulamentação da educação profissional estabelecida pela lei 9394/96, o decreto 5154/04 manteve algumas lacunas da própria LDB, quando não explicitou claramente o papel dos entes federativos, nem se a formação profissional seria exclusiva de alguma entidade. **Ficou evidente que a regulamentação da educação profissional, trouxe uma flexibilidade a essa modalidade de ensino que favoreceu o avanço do setor privado, seja no aligeiramento da formação, seja na redução de custos que cursos organizados em***

módulos menores podem acarretar.

Desta forma, na medida em que o setor privado pauta-se na redução de custos, característica lógica e marcante deste setor da sociedade, para a organização de cursos com módulos menores e de curta duração no ensino técnico, penalizam silenciosamente a educação do trabalhador – chamada pela lógica capitalista de qualificação profissional – a partir do momento em que reduz ou até mesmo aniquila, no currículo de formação, o tempo de disciplinas cruciais para a compreensão da totalidade social e consciência de classe, em que ele, o proletário, está inserido, não permitindo assim, que o trabalhador possua uma consciência do contexto social e histórico no qual está atuando, esta torna-se, portanto, uma educação para o mercado de trabalho, uma instrução mínima, um adestramento, isto é, apenas o necessário para atuar de forma fragmentada no processo produtivo, uma educação que bloqueia o olhar do trabalhador para a totalidade social que o domina, aliena e oprime-o diariamente.

Sendo assim, no que tange ao Ensino Técnico Profissionalizante, percebemos que este segue uma lógica capitalista de controle social produzindo a ideia de formar uma massa de trabalhadores com a qualificação mínima, porém necessária aos ditames capitalistas, para a inserção no mercado de trabalho, alienando-os, tornando-os mercadorias que, mais tarde, através das próprias contradições que a lógica do capital cria e que são inerentes à sua auto-reprodução, serão descartados pela desqualificação, ou desatualização de suas competências de sua própria força de trabalho, tornando-se trabalhadores supérfluos. A formação e qualificação profissional do proletário torna-se uma ação estatal de caráter técnico e político intrínseco ao processo de ampliação do controle social do Estado sobre as esferas sociais por ele inferiores.

Quixadá (2003, p. 188) apud Santos (2005, p. 52), mostra que “Adam Smith, apud Marx (1980, p. 284), recomenda o ensino popular pelo Estado, embora em doses prudentemente homeopáticas”.

Conforme os pensamentos de Adam Smith, seu postulado realmente se concretizou, escolas ruins, baratas, com condições deploráveis tanto para o docente quanto para o discente e situação educacional inconcebível para os filhos do proletário são facilmente percebidas no cenário educacional atual, ao passo que para a classe dominante, isto é, a elite do setor privado que domina o Estado, é disponibilizado todo o “filé” da educação (SANTOS, 2005)

Conforme Santos (2005, p. 46 grifos nossos), no que tange à escola para o trabalho:

[...] o que comprovamos através do histórico das políticas públicas direcionadas para a educação, é **uma completa separação entre escola voltada para o trabalho**, planejada especificamente para a classe trabalhadora, e **a educação universal e científica**, exclusiva para a classe que vive da exploração dos que apenas sobrevivem, ainda, do seu trabalho.

Santos (2005, p. 26), afirma que “fica evidente, portanto, a divisão da educação em dois caminhos: um voltado exclusivamente para a classe que possui os meios de produção [...]; e um outro voltado para os que vivem do próprio trabalho”.

Sendo assim, o pensamento da classe dominante é também o pensamento dominante, a ideologia dominante, isto é, a classe que detém o poder material, isto é, meios de produção material, em uma dada sociedade de classes detém também a concentração de cultura intelectual e concomitantemente os meios de produção intelectual, fazendo com que para a classe dominada sejam negados o domínio de tais meios de produção – que são privados – tornando a classe dominada totalmente submissa e submetida ao pensamento da ideologia dominante. (MARX; ENGELS, 2002; LEONTIEV, 1978)

Com efeito, para Santos (2005, p. 31), existe uma “intenção histórica respaldada pelas leis, de assegurar a manutenção do *status quo*, quando estas separavam uma educação para os trabalhadores e outra para os filhos das classes favorecidas”.

No atual cenário de políticas neoliberais do Estado brasileiro, encontramos o ensino técnico profissionalizante pautado em dois sentidos de educação, conforme afirmam Lima e Jimenez (2010a), em determinadas formações sociais podemos encontrar a educação em sentido lato e em sentido restrito, pois em suas palavras (2010a, p. 06):

Considerada em sentido lato, a educação é um complexo universal, comparecendo em todas as formas de sociedade constituídas pelo homem. Ela é imprescindível em todos os modos de organização social porque sua função consiste em articular o singular ao genérico, reproduzindo no indivíduo as objetivações produzidas ao longo do desenvolvimento do gênero humano e, com isso, possibilitando a continuidade do ser social. Sua função remete, portanto, à transmissão e à apropriação das características que compõem a genericidade em cada momento concreto, concorrendo para a constituição do indivíduo como partícipe do gênero. A complexificação do trabalho, entretanto, ao produzir sua divisão e, especialmente, a divisão de classes, atua sobre o complexo da educação e modifica sua constituição inicial. A principal consequência desse processo é uma diferenciação no interior do complexo da educação, constituindo uma nova forma: a educação em sentido restrito.

Ainda em Lima e Jimenez (2010a, p. 06-07):

A educação em sentido restrito surge para atender interesses particulares e não universais. Por isso, a diferença fundamental entre educação em sentido lato e educação em sentido restrito consiste no caráter universal da primeira e na dependência da divisão de classes da segunda. Entretanto, não se pode traçar um limite ideal preciso entre essas duas formas de educação já que são processos que se interpenetram e se influenciam.

Assim sendo, é fácil perceber que as Políticas Neoliberais para a Legitimação do Ensino Técnico Profissionalizante dos Governos Federais Latino Americanos estão fixadas somente no sentido restrito de formação do proletário, sentido este favorece à lógica capitalista e o controle social do Estado para com as esferas sociais por ele inferiores.

Não obstante tal cenário, absurdamente pejorativo para o proletário, a lógica do capital está, de forma direta e indireta, ainda sob o olhar desatento das massas, induzindo a classe trabalhadora a resignar-se diante do termo *do it yourself*⁶, ou ainda, do lema “*aprender a aprender*” (DUARTE, 2000), isto é, o trabalhador é obrigado, através da ideologia dominante, a se qualificar constantemente no mercado de trabalho sob pena de perder seu emprego, criando, desta forma, um caos nas relações sociais por meio da competição desleal e da fragmentação do trabalho dividida entre temporários e permanentes, culminando em sistemas de subemprego⁷ na sociedade de classes.

Santos (2007, p. 113), nos mostra que a concepção da formação de capital humano:

[...] advoga em favor da fragmentação, flexibilização, polivalência, colocando, de forma perigosa e errônea, a responsabilidade do aprendizado no indivíduo isolado, ou seja, cada pessoa, individualmente, é responsável por “aprender a aprender” o que precisa para se enquadrar às novas transformações do mercado de trabalho. **Quem não escolher o caminho certo está fadado ao fracasso e com o agravante de a culpa por tal insucesso ser atribuída única e exclusivamente ao sujeito que escolheu a “formação errada ou insuficiente”.**

No âmbito da formação profissional, percebemos a formação abrupta, fragmentada, e altamente desvinculada de uma proposta de formação emancipatória no sentido de romper com a lógica atual, isto é, a formação atual está vinculada ao adestramento para a reprodução do sistema de produção capitalista.

Araújo, (2000, p. 216) apud Silva (2007, p. 141), afirma que:

[...] **Implantaram-se cursos de formação de mão-de-obra rápida, preocupados com a geração de emprego, que satisfaz ao mero espaço de adestramento da produção. O País está orientado para a formação profissional de sua juventude, a fim de atender às necessidades circunstanciais e oportunistas do capital.** A última coisa que se pensa é na formação do homem, na formação do cidadão, é aí que entra o papel da cultura. E pergunta-se: que cidadão é esse? Que ser humano é esse? Esse indivíduo não desenvolveu suas possibilidades humanas através da sensibilidade que a cultura poderia lhe dar proporcionando, assim, toda a produção do espírito, toda a produção do simbólico. Araújo lembra ainda que “ele não tem uma noção muito correta do seu papel social, da sua função social, de seus direitos e deveres, enfim da sua cidadania e da cidadania do outro”.

A lógica capitalista escraviza diariamente o proletariado que, inocentemente, acredita na concepção de que é imprescindível a requalificação profissional, o investimento em sua força de trabalho, sobre o falacioso discurso de que não faltará emprego para o pessoal qualificado no

⁶ Expressão em língua inglesa que significa *faça você mesmo*. Neste trabalho utilizamos esta expressão para relacioná-la ao fato de que o Estado se isenta da responsabilidade de formar integralmente o homem, formá-lo no sentido da emancipação humana. Sendo assim tal expressão, da língua inglesa, nos é oportuna no sentido de explicar, em mínimas palavras, o que realmente acontece dentro da lógica do capital que obriga a massa proletária a buscar incessantemente a ascensão social por meio da qualificação profissional, que diga-se de passagem, é de total obrigação do próprio proletário, pois o falso discurso da lógica capital difunde a ideia de que é através do esforço e da força de vontade que cada um consegue “*vencer na vida*” e que há espaço e emprego para todos, basta “*correr atrás*”.

⁷ [...] o capital globalmente competitivo tende a reduzir a um mínimo lucrativo o ‘tempo de trabalho’ (ou o custo de trabalho na produção), e assim **inevitavelmente tende a transformar os trabalhadores em força de trabalho supérflua**. Ao fazer isto, o capital simultaneamente subverte as condições vitais de sua própria reprodução ampliada. [...], nem a intensificação da taxa de exploração nem os esforços para resolver o problema por meio da ‘globalização’ e pela criação de monopólios cada vez mais vastos apontam uma saída para este círculo vicioso. (MÉSZÁROS, 2002, p. 226, grifo nosso)

mercado de trabalho, haja vista que – nos ditames da lógica capitalista – este se apresenta como um funil que seleciona apenas os mais bem preparados para os mais altos cargos de poder dentro da sociedade de classes. (SANTOS, 2005)

Com efeito, para Duarte (2000), a ideologia do sucesso individual, isto é também, do aprender a aprender, se refere à existência, no indivíduo, de determinadas habilidades e competências – e porque não dizer virtudes – tais como a criatividade, o otimismo, a autoconfiança, a disposição para o trabalho e a atualização no âmbito das suas técnicas de trabalho mais atuais.

Sendo assim, concordamos com Soares & Jimenez (2008, p. 123, grifos nossos) quando assim se pronunciam sobre a educação do trabalhador:

[...] a educação cidadã do novo trabalhador ou “educação para o desemprego” é coberta com o manto da retórica neopragmática que afirma o caráter contingente do conhecimento e de toda a realidade. Ademais, **fragmentado o saber, impondo uma educação instrumental e técnica, apoiada no desenvolvimento de competências e habilidades (básicas)**, que, à moda das “verdades” do filósofo norte-americano Richard Rorty, são sempre mutáveis, contingentes. **O “Aprender a Aprender” se insere nessa lógica integradora dos educandos na exata necessidade dos interesses reprodutivos do capital.**

3. Considerações finais

A partir do breve trabalho exposto acima concluímos que os ditames da lógica de mercado capitalista contribuem para que o ensino técnico funcione como mecanismo de adestramento para a reposição de mão-de-obra no mercado do capital.

As atuais Políticas Neoliberais do Estado brasileiro impulsionam uma educação pautada no lema “*aprender a aprender*” que culminam no aprisionamento do proletariado e o transforma em uma mercadoria, desumanizando-o, alienando-o e produzindo seres capitalistas que caminham conforme a lógica de mercado.

Ademais, percebemos que o ensino técnico profissionalizante é o mais novo mecanismo de controle estatal, sendo que as parcerias entre setor público e setor privado coadunam com o processo de sucateamento da educação que, por sua vez, está pautada no pleno atendimento dos interesses de auto-reprodução do capital que funda-se no trabalho explorado e na desumanização do proletariado.

Neste sentido, concordamos com Lima e Jimenez (2010); Tonet (2005), quando afirmam que a efetiva emancipação humana pauta-se na apropriação do que de mais avançado existe na produção do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade em termos de saber e técnica, pois acreditamos que desta forma o processo de humanização seja efetivado em cada indivíduo do gênero humano.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, T.; **Estética Marxista, questão de método e ensino de geografia**. ENPEG 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. de 30 de agosto a 2 de setembro de 2009 em Porto Alegre – RS.
- COSTA, Frederico; JIMENEZ; Suzana; **Ideologia, luta de classes e socialismo**. In: VÁRIOS AUTORES; **Marxismo, educação e luta de classes: Teses e conferências do II encontro regional trabalho, educação e formação humana / Suzana Vasconcelos Jimenez, Jorge Luís de Oliveira, Deribaldo Santos [organizadores]**. – Fortaleza: EdUECE/IMO/SINTSEF, 2008. p. 155-175.
- DUARTE, N. **Vigotski e o ‘aprender a aprender’: crítica às apropriações neoliberais e pósmodernas da teoria vigotskiana**. Campinas: Autores Associados, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho; Coleção Perspectivas do homem, Vol. 48, Série Filosofia 4. Ed.; Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982.
- JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos; LIMA, Marteano Ferreira; **Educação, reprodução social e práticas educativas**. IV Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade” de 22 a 24 de setembro, Laranjeiras – SE, 2010a.
- JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos; **A política educacional brasileira e o plano de desenvolvimento da educação (PDE): uma crítica para além do concerto democrático**. In: VÁRIOS AUTORES; **Marxismo, educação e luta de classes: pressupostos ontológicos e desdobramentos ídeo-políticos / Organização Suzana Jimenez, Jackeline Rabelo, Maria das Dores Mendes Segundo**. – Fortaleza: EdUECE, 2010b, p. 15-32.
- LEONTIEV, Alexis. **O homem e a cultura**. In: LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978, p. 261-284.
- LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____. **A ontologia de Lukács**. Maceió: edufal, 1996.
- _____. **O método**. Fortaleza: UFC, 2001. (Mimeografado).
- LIMA, M. R. de; SANTOS, A. M. do; SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MACEIÓ – AL; **Reforma do ensino técnico e política neoliberal de FHC e LULA**. V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo; Eixo Temático: Marxismo, Educação e Emancipação Humana; 11, 12, 13 e 14 de abril – UFSC – Florianópolis – SC, 2011.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. In: Outubro. no. 4. São Paulo: Xamã, março, 2000.

_____. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo/Ed. Da Unicamp, 2002.

ROMANELLI, O. de O.; **História da Educação no Brasil: (1930/1973)** / Otaíza de Oliveira Romanelli; prefácio do prof. Francisco Iglesias. 35. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.

SANTOS, Derivaldo; **A reforma do ensino técnico-profissionalizante: Um apolítica pública a serviço do mercado ?** Dissertação de Mestrado ao Curso de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Ceará – UECE; 148 f. Fortaleza, CE, 2005.

_____. **Políticas públicas neoliberais para o ensino profissional: Como fica o cefet/ce?**. In: VÁRIOS AUTORES: **Políticas Públicas e Reprodução do Capital / Suzana Vasconcelos Jimenes e Marcus Flávio Alexandre da Silva [organizadores]**. – Fortaleza: Edições UFC, 2007, p. 101-124.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações** / Dermeval Saviani – (Coleção educação contemporânea) – 11. Ed. Rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, Marcus Flávio Alexandre da; **A política cultural o Brasil: Elementos de contextualização histórica**. In: VÁRIOS AUTORES: **Políticas Públicas e Reprodução do Capital / Suzana Vasconcelos Jimenes e Marcus Flávio Alexandre da Silva [organizadores]**. – Fortaleza: Edições UFC, 2007, p. 125-146.

SOARES, Romulo; JIMENEZ; Suzana; **Trabalho, educação e crise do capital: A privação d público**. In: VÁRIOS AUTORES; **Marxismo, educação e luta de classes: Teses e conferências do II encontro regional trabalho, educação e formação humana / Suzana Vasconcelos Jimenez, Jorge Luís de Oliveira, Derivaldo Santos [organizadores]**. – Fortaleza: EdUECE/IMO/SINTSEF, 2008. p. 109-128.

SOUZA, A. P. R. de; **Transformações no mundo do trabalho: Implicações para a educação do trabalhador**. III Jornada Internacional de Políticas Públicas – Questão Social e Desenvolvimento no Século XXI de 28 a 30 de agosto de 2007, São Luís – MA; 2007.

TONET, Ivo; **Educação e formação humana**. In: VÁRIOS AUTORES; **Marxismo, educação e luta de classes: Teses e conferências do II encontro regional trabalho, educação e formação humana / Suzana Vasconcelos Jimenez, Jorge Luís de Oliveira, Derivaldo Santos [organizadores]**. – Fortaleza: EdUECE/IMO/SINTSEF, 2008. p. 83-96.

_____. **A educação numa encruzilhada**. Educação (UFAL), Maceió - AL, v. 19, p. 33-53, 2003.

_____. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí. RS, Editora Unijuí, 2005.